

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS E OS OUTROS: IDENTIDADE E EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Miriam Adelman
Emmanoelle Ajaimé
Sabrina Bandeira Lopes
Tatiana Savrasoff¹

Resumo: Discussões teóricas e estudos empíricos recentes mostram que, nas sociedades contemporâneas, as identidades sexuais e de gênero realmente vividas extrapolam as rígidas dicotomias homem/mulher e masculino/feminino que fazem parte do projeto da ordem social moderna. Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento sobre experiências de vida de travestis e transexuais atualmente radicadas na cidade de Curitiba, que tem por objetivo obter uma maior compreensão dos processos de construção de identidade nesta população "transgênero". Identificamos como particularmente importantes os processos de interação social através dos quais as nossas informantes se autodefinem e são "definidas" pelos outros. Constatamos que as fortes dicotomias sobre gênero que ainda operam na cultura atual fornecem tanto os termos com os quais as travestis e transexuais se autodefinem, quanto as bases para a estigmatização à qual continuam sujeitas.

Palavras-chave: identidades; transgêneros; estudos de gênero.

Introdução

A construção social do gênero, desde as perspectivas avançadas na Antropologia e Sociologia contemporâneas, envolve questões de poder e dominação, mas remete também à especificidade humana de criar *cultura* – símbolos, representações e identidades. Por outro

lado, se bem podemos afirmar que as sociedades humanas dão origem a diversas e ilimitadas formas de interpretar e organizar o "sexo biológico", ressalta-se também que a sociedade ocidental con-

temporânea ainda se apegua à construção de gênero conforme produzido pela poderosa “máquina binária” que continua fabricando formas de pensar e agir profundamente dicotomizadas (PARNET apud RODOWICK, 2000).²

Sabemos também que as identidades de gênero não são simplesmente herdadas de ou reproduzidas pelas instituições sociais,³ senão que “se faz gênero” diariamente, através da interação cotidiana nos diversos espaços pelos quais transitamos: a rua, o trabalho, a família, a escola etc. Num mundo em transição, as identidades de gênero se politizam, intensificando os significados de atos aparentemente triviais. Assim, usar um tipo de roupas ou adotar comportamentos que se rotulam masculinos e femininos tornam-se importantes formas de falar sobre nosso mundo; ainda mais quando acontecem de formas que se posicionam contra o movimento corrente dessa “máquina binária”.

Como veremos, na sociedade brasileira atual continua sendo muito importante a atribuição de gênero na infância. Os processos de socialização de gênero, embora flexibilizados entre algumas camadas ou grupos sociais, no geral continuam transmitindo um conteúdo normativo relativamente rígido. Por outro lado, há uma crescente visibilidade de pessoas que constroem identidades *transgênero* e que reivindicam a aceitação social.

Apresentamos aqui a comunicação de uma pesquisa em andamento, sobre identidades e experiências das travestis e transexuais em Curitiba, que além de fazer ouvir as vozes de pessoas que pertencem a um grupo social sujeito à

estigmatização, à marginalização e até mesmo à violência, deve contribuir com novos dados empíricos para algumas discussões que se estão fazendo hoje dentro dos estudos de gênero e a teoria *queer*. Algumas questões que correspondem a este objetivo: Como entender os processos através dos quais, e ao longo de uma vida, se constrói a identidade de gênero? Como entendê-los nos seus aspectos tanto individuais quanto coletivos? Como criar novos espaços sociais e novas linguagens que vão além das dicotomias e discursos naturalizados para compreender a complexidade de diversas identidades sexuais e de gênero?

Travestis, transexuais e os outros: fundamentos da pesquisa

Estudar os processos de construção da identidade entre travestis e transexuais na sociedade brasileira atual vincula-se a um projeto político de construção de cidadania. Nosso estudo, de fato, faz parte do Projeto Através do Espelho, do Grupo Esperança, ONG de Curitiba.⁴ Por outro lado, insere-se num campo de pesquisa já estabelecido pelos estudos de gênero e a *queer theory*, área que surge nos anos 90 na Europa e nos EUA com o enfoque particular de estudar as experiências dos grupos que a cultura hegemônica identifica como minorias ou “anormais” por causa de suas identidades ou práticas sexuais/de gênero,⁵ procurando uma maior compreensão da sua história, suas construções identitárias e sua condição social. Estudos etnográficos e relatos (auto) biográficos que desde estas perspectivas enfocam as experiências das travestis e outras “minorias sexuais” em diversas partes do mundo permitem tanto entender a especificidade

das identidades sexuais produzidas pela modernidade ocidental, como focar outros contextos sócio-históricos que servem de contraste e comparação (MATZNER, 2001; KULICK, 1998; BORNSTEIN, 1995; SILVA, 1993).

Assim, nossa pesquisa orienta-se por estas perspectivas que desnaturalizam o olhar sobre as relações de gênero e, desta forma, rompem com a noção de que a identidade, comportamento e experiência dos ditos “grupos minoritários”⁶ seja anomalia ou aberração. No entanto, muito ainda precisa ser apreendido sobre como as identidades diferentes são vividas tanto pelas pessoas que as assumem quanto para os outros membros da sociedade, que podem – em maior ou menor grau – se identificar com o projeto de identidade sexual/de gênero da cultura hegemônica. Um dos principais debates teóricos que dizem respeito a estas questões centra-se no aparente conflito entre *política de identidade* (necessidade de criar grupos identitários alternativos, que fazem frente às instituições, ao poder, à cultura hegemônica) e a *desconstrução* (que poderia enxergar as práticas da política identitária como reforços das dicotomias ou esquemas da cultura hegemônica). De certa forma, assemelha-se ao embate teórico entre estas duas perspectivas nos estudos de gênero, uma que enfatiza o peso das instituições e seu poder sobre os indivíduos e os grupos (privilegiando, portanto, categorias como dominação, poder e opressão) e outra – muitas vezes identificada como a pós-moderna – que enfatiza a agência dos sujeitos, e convoca a toda forma de parodiar os esquemas de gênero convencionais. Porém, mais do que ver estas posturas como mutuamente excludentes, ambas podem ter dimensões altamente

enriquecedoras para nosso estudo sobre identidade e experiência das travestis e transexuais.

O estudo das experiências de vida e processos de construção da identidade de transgêneros levou-nos a elaborar duas questões específicas: em primeiro lugar, como é que se dá, hoje em dia, o encontro das travestis e transexuais com a “normatividade social”, isto é, qual o nível de preconceito, discriminação, estigmatização ou marginalização sofrido por elas – na família, na escola, no bairro, na sociedade em geral – e, em segundo, quais os recursos que elas têm a sua disposição para negociar sua posição social? O ter ou não recursos – materiais e/ou simbólicos – para estas negociações nos remete ao contexto social maior, que inclui questões de cultura e classe social, assim como o *status* atual, no sul do Brasil,⁷ das mudanças nas identidades de gênero, que pode ajudar a entender, por exemplo, como as travestis se valem das dicotomias convencionais de gênero na sua autodefinição e sua atividade coletiva, ou como sua construção como grupo “subcultural” põe em questão as noções convencionais de gênero e identidade sexual.

Estas questões de pesquisa situamos dentro da tradição de pesquisa microssociológica qualitativa do *interacionismo simbólico*, fundada pela chamada Escola de Chicago e, em particular, do famoso trabalho de Erving Goffman (1976), *Estigma*, que convoca ao estudo das práticas de interação social não só a partir da óptica dos “normais” e da cultura que os valida, senão que a partir também dos que são aos seus olhos “os outros”, os “não normais”.⁸ De fato, este tipo de trabalho foi retomado e desen-

volvido posteriormente, nos anos 70, pelo Centro de Estudos Culturais de Birmingham, na Inglaterra, produzindo uma fusão muito fértil dessa perspectiva com os debates sobre cultura de massa produzidos pela Escola de Frankfurt. Esta nova perspectiva, a dos “estudos culturais”, toma como um dos seus objetos privilegiados a emergência de “subculturas” entre os grupos marginalizados pela cultura hegemônica. Enfoca inicialmente as subculturas de jovens de classe trabalhadora e das minorias raciais e étnicas nos grandes centros urbanos, embora apareçam também alguns estudos sobre subculturas de homens homossexuais; mais tarde, devido à crítica feminista, as formulações culturais e subculturais de gênero e sexualidade também começam a ser problematizadas (GELDER; THORNTON, 1997, p. 6).

Estudar grupos de *transgêneros* a partir desta perspectiva oferece um instrumental teórico-metodológico interessante, em vários sentidos, pois enfatiza sua relação íntima e complexa com a cultura hegemônica, que envolve negociação (que, às vezes, torna-se “resistência”, adaptação e “ressignificação”. O que Gelder e Thornton (1997) dizem a respeito das subculturas *gays* e *lésbicas* pode estender-se também às *travestis* e *transexuais*:

As subculturas *gays* e *lésbicas* são sujeitadas a normas heterossexuais compulsórias, exceto onde podem talhar espaços para suas próprias regras e práticas. Eles renegociam, dentro da sua subcultura, sua posição subordinada, conduzindo a busca por auto-estima e formas alternativas de *status*. (GELDER; THORNTON, 1997, p. 4, tradução nossa).

Ou seja, torna-se fundamental pesquisar, no cotidiano da vida das *travestis* e *transexuais*, os processos de construção e reconstrução identitárias e de criação de espaços e formas de autodefinição em que, como indivíduos e/ou membros de um grupo (sendo esta, em si, uma relação fundamental a ser pesquisada), *transgêneros* podem superar o estigma proveniente da cultura hegemônica. Nosso enfoque considera a “cultura hegemônica” e a cultura de massa, que em grande parte vem a formar parte dessa primeira, em relação dinâmica com as formas de contestação e de resistência advindas dos grupos subalternos e “subculturais” – ao mesmo tempo que não localiza estes últimos numa oposição absoluta.

Nossa pesquisa, além de consistir na coleta de 18 histórias de vida de *transexuais* e *travestis* atualmente radicadas em Curitiba, valeu-se de outros elementos do trabalho etnográfico: uma convivência intensa, durante um período de aproximadamente seis meses, das pesquisadoras com as informantes e suas amigas e colegas, em situações diversas: desde os espaços do ativismo (sendo que uma parte das nossas informantes participava esporádica ou regularmente das atividades da ONG Grupo Esperança) como o IX ENLAIDS⁹ e os cursos de capacitação oferecidos na sede do grupo, até as “abordagens” de rua e nas casas das informantes, acompanhadas da *travesti* Joana, participante do Grupo¹⁰ e informante privilegiada.

A partir das nossas viagens ao campo percebemos algumas peculiaridades das *travestis* e *transexuais* no tocante à forma de se expressarem e se comunicarem entre elas, seus relatos com outras

peças e as suas relações conosco que éramos e somos *as outras*. Da parte das pesquisadoras, houve um processo de sensibilização que permitiu que as entrevistadas fossem bem-sucedidas, cabendo às nossas entrevistadas nos mostrar o que era realmente importante na história de suas vidas, cujas coincidências nos permitiram ressaltar algumas temáticas principais.

Apresentação da pesquisa de campo

1) Infância/Adolescência¹¹

Como a Antropologia e a Psicanálise sugerem, os processos de formação da identidade começam muito cedo e, desde cedo também, vão-se construindo como relações *conflituosas* de integração da pessoa a uma sociedade e a uma cultura (BENJAMIN, 1988; CHODOROW, 1999). Embora as formas e arranjos familiares da sociedade moderna tenham sido sempre diversas, a “família conjugal moderna” (VAITSMAN, 1994), fundada numa hierarquia de papéis de gênero e idade e responsabilizando o casal pela manutenção dos seus filhos, tornou-se um padrão e, portanto, um modelo de sustento da normatividade social.¹² Sua imagem de “refúgio num mundo cruel” (LASCH, 1977) – espaço de cultivo de relações e laços afetivos fundamentais – reproduzia também a domesticidade feminina, o papel do homem provedor e a socialização das crianças nos respectivos “papéis de gênero”. Nas sociedades contemporâneas, onde as formas mais convencionais de autoridade e hierarquia vêm sendo questionadas ou minadas, embora de maneira bastante desigual,¹³ abrem-se também maiores possibilidades

para a família se flexibilizar, o que inclui a possibilidade de maior tolerância a comportamentos que se afastam dos “padrões”. Existem pesquisas mostrando mudanças crescentes nas famílias brasileiras, como as de Vaitzman (1994) e Matos (1993) que apresentam evidências da evolução de formas mais “pós-modernas” – menos hierárquicas, menos normatizadoras – de família, mas ainda seria um excesso de otimismo pensar que tais novos padrões estejam-se generalizando de tal forma que afetem amplos estratos da população brasileira de maneira contundente.

Em todo caso, as identidades sexuais e de gênero, que são elementos centrais e constitutivos na construção da pessoa, ou do “sujeito moderno”,¹⁴ começam a ser moldadas no seio da família. Apesar dos processos de mudança acima discutidos, nossa pesquisa não revela, nas famílias, “novos esquemas”; parecem estar-se reproduzindo os tradicionais esquemas classificatórios, que se impõem a partir da primeira infância, quando o neném é, logo no seu nascimento, identificado como “menino” ou “menina”. Uma grande carga de expectativas sociais e culturais rodeiam essa primeira classificação; a criança é inserida nas práticas da sua família e da sua comunidade a partir da atribuição de gênero, e os processos de socialização de gênero carregam-se também de grande conteúdo normativo. A adolescência – estágio intermediário, na nossa cultura, entre a infância e a autonomia da vida adulta – é também a fase do desabrochar da sexualidade, que hoje em dia geralmente legitima o início de práticas sexuais, particularmente para as pessoas de sexo masculino. Porém, a sexualidade

adolescente não deixa de ser vigiada e julgada pelos adultos: os adolescentes ainda permanecem sob o escrutínio de pai, mãe e outros, no sentido de demonstrar os sinais de desenvolvimento de uma sexualidade “normal”. Neste contexto, parece que a homossexualidade – junto com a identificação de uma criança com as práticas e os comportamentos do “gênero oposto” – continua sendo o “desvio” mais temido pelas famílias.

Nas entrevistas realizadas, todas as nossas informantes contam histórias de identidades particulares que destoam de forma fundamental daquilo que a sociedade exige do “menino”. Elas contam que desde criança identificavam-se com as brincadeiras do universo feminino; enturmavam-se com as suas irmãs, com as primas e com as vizinhas.

Eu tinha quantos anos aquela época? Eu morava... cada instante eu estava num lugar. Eu tinha muito parente, todos eles queriam me levar. Cada instante eu estava num lugar. Então eu acho que fiquei um ano, um ano e pouco morando em Ponta Grossa. Nessa época eu acho que eu tinha uns nove anos. Que eu vou contar sobre uma história que sucedia. Foi assim, que eu ia brincar com as meninas. Eu tinha que me vestir de noiva, isso eu tinha nove anos. Me vestir de noiva, eu queria ser a noiva. E fazia um bolo de areia, porque eles estavam construindo a casa. Fazia bolo de areia lá no porão (informação verbal)¹⁵.

Essas brincadeiras “femininas” aparecem como normais para elas, mas não para as outras pessoas da sua família e da vizinhança. Neste momento, a estigmatização parte, principalmente, dos adultos.

Antes não era complicado, porque é como eu que falei já para você uma vez, ahn, tudo o que a gente fazia nessa época, era tudo... “normal”. O que pros outros, adultos, era estranho, para a gente era normal. Então, mais ou menos eu tinha cinco anos de idade, que começou as brincadeiras, entendeu?, as satisfações. É... de ser menino. Entendeu? (informação verbal).¹⁶

Em certo momento, começam as cobranças, por parte dos familiares e das outras crianças, que esperam que esse menino se comporte “como um menino”. Uma entrevistada contou que os colegas de escola pediram para que sua irmã avisasse a sua mãe que deveria levar a informante ao médico, por causa das suas tendências. Ela disse:

Desde, sei lá, desde cinco anos, desde que eu era pequenininha. As meninas também brincavam com piá. Mas daí eu acho que eu tinha o quê? 13? É, 12, 13 anos, a minha mãe falou: “Já não tá na hora de você parar de brincar de boneca?”. Daí eu parei de brincar na frente dela. Comecei a brincar. Eu brincava escondido (informação verbal).¹⁷

Uma forma de driblar as cobranças é se esconder. Vestir roupas femininas no banheiro, brincar de boneca debaixo das cobertas, enrolar toalha na cabeça e fingir que era um cabelo comprido eram algumas das estratégias que elas desenvolveram frente à imposição do comportamento referente ao gênero masculino. Fazer serviços domésticos identificados com o feminino muitas vezes era mais aceito pelas famílias que as brincadeiras, pois tornava-se uma espécie de moeda de troca.

[...] quando minha mãe ia trabalhar, eu ficava em casa... então eu já gostava de limpar toda a casa, lavava a louça, comecei a fazer comida cedo, minha mãe chegava já tava a comida pronta, a casa tava toda limpa, meus irmãos e minhas irmãs só queriam saber de ficar brincando, chegavam do colégio, jogavam a bolsa em qualquer lugar e corriam pra rua brincar, e eu não. Quando a minha mãe tava chegando, eu me escondia atrás da porta... aí ela falava “nossa”! Ela sabia que era eu, mas ela falava “nossa, será que é uma fadinha que passou aqui e limpou toda a minha casa, olha tá tudo bonitinho” e não sei o quê, “vou deixar um presentinho aqui pra fadinha em cima da mesa da mãe trabalhando” (informação verbal).¹⁸

Na fase de adolescência – período em que a definição da sexualidade torna-se um assunto central dos processos identitários –, as dificuldades vividas pelas nossas informantes tenderam a se exacerbar. Por outro lado, as formas pelas quais sua diferença é aceita, negada, punida ou negociada, nestas fases iniciais da vida, são muito importantes como experiências formativas com um peso muito grande sobre o rumo futuro que essa pessoa vai seguir. Torna-se mais difícil esconder atitudes “do outro gênero”. Nessa fase, espera-se que um “rapaz” namore uma moça.

Foi indo, foi indo e eu comecei a me aceitar e me assumir e antes eu era uma pessoa tímida, uma pessoa que não tinha muita alegria, que não tinha muito desempenho pra conversar com ninguém tanto como eu tenho hoje em dia, se tivesse uma rodinha de homem, eu queria todo mundo como meu amigo só que eles como meus amigos sentiam que fal-

tava alguma coisa em mim. Na hora de falar de mulher, que aquela ali é mó linda, mó gostosa, todo mundo tinha de alguém pra falar, de alguém que conseguia, de alguém que tava afim, eu sempre tava meio assim, meio retraído no meio deles, todo mundo achava meio estranho, eu não tinha uma vocação para me desinibir, para falar da alguém, de alguma menina como eles falavam. Eu era um peixe fora d’água (informação verbal).¹⁹

Também nesse caso, diversas estratégias foram implementadas para tentar tranquilizar os demais. Uma era de um namoro de aparência, tanto enganando a própria namorada, ou em comum acordo com ela. Algumas das informantes ainda não tinham tanta certeza de sua orientação sexual e tentaram genuinamente experimentar a heterossexualidade: “Mulheres eu tentei, mas não consegui. Tentei namorar, mas não consegui também. Acho que não rolou essa coisa de química. De corpo a corpo. Não dava. Eu tentei. Realmente eu tentei” (informação verbal).²⁰

Há também casos de pessoas que assumiram perante a família a sua condição, ainda entendida como homossexualidade, e posteriormente como transgêneros: “E, com 14 anos, eu, contei para a família a verdade. [...] Gostando de mim do jeito que eu sou, tudo bem. Aí a minha tia de Campinas: ‘ah, o que você é?’ Eu disse: ‘sou homossexual. Eu gosto do mesmo sexo que o meu’” (informação verbal).²¹

Em alguns casos, o desenlace dessa situação é permanecer como um menino, obedecendo à família e esperando

outro momento, em que possam se sustentar, para assumir sua condição. Há ainda quem tenha fugido de casa e da violência doméstica, mas se sentiu muito indefesa nas ruas, retornando ao convívio do lar e subordinando-se às exigências da família. E teve o caso de quem já viveu a ruptura com a família, por ter-se assumido e sido expulsa.

Houve três casos de menos resistência por parte da família, sendo uma hermafrodita o único caso em que houve liberdade para ela se identificar com o feminino.

A minha mãe, minha avó, também era hermafrodita, então é hereditário. Minha mãe decidiu me criar como menina, sem o meu pai estar de acordo, mas minha mãe dizia que era ela que havia me criado e depois me furou as orelhas, me colocou um brinco de ouro muito bonito e criou-me como menina sem problema nenhum. Com a idade de sete anos me mandaram para Santa Cruz da Serra, e fui para um colégio de freiras. A freira me olhava meio estranho, mas como era uma escola paga entrei na escola primária, terminei e saí com 14 anos. O ônibus que vinha nos buscar passava sete e meia da manhã e nós passávamos o dia todo lá. Quando chegava, tomava um café da manhã, fazíamos fila e cantava o hino nacional. Quando tinha férias, eu ficava com a minha mãe (informação verbal).²²

O depoimento de Talita aponta para uma outra exceção. A compreensão de sua mãe, que era professora, conseguiu suavizar a oposição dos filhos homens. Era um adolescente que tinha permissão da mãe para se travestir, assim como teve anteriormente para brincar de boneca.

Agora meus irmãos, teve assim no começo um irmão meu, quando ele achou minha malinha cheia de roupas de mulher, ele ficou louco. Ele ficou doído e queria queimar toda a minha roupa, sabe? E a mulher dele falou: "ai, queima toda a roupa desse, desse menino. Queima tudo". Daí a minha mãe falou: "não, nisso aí ninguém vai mexer. Porque isso aí custou dinheiro para ele, você acha que não? custou dinheiro para ele". Minha mãe falou isso. minha mãe me defendia. Minha mãe sempre me defendeu (informação verbal).²³

As interações cotidianas que as pessoas têm, na família, na escola, e no bairro, são o contexto mais imediato da sua identificação como pessoas convencionais ou diferentes, conformistas ou transgressoras etc. Num estudo fascinante sobre a reprodução das relações de gênero baseado em trabalho etnográfico numa escola pública norte-americana, Thorne (1993) comenta que, no espaço "extra-institucional" do bairro, lugar das brincadeiras mais espontâneas das crianças, observa-se menos separação dos sexos (gêneros) do que no espaço "organizado" da escola. Foi inclusive esta observação que mais a instigou a estudar o cotidiano da escola.

A literatura sobre o cotidiano escolar nos dias de hoje também aponta para a escola como espaço de reprodução da normatividade. Apesar de novas propostas que vão surgindo em alguns lugares para repensar o papel da escola na sociedade, há ainda toda uma cultura histórica de falta de compreensão das questões de gênero e sexualidade e, portanto, pouca tolerância e assistência a pessoas concebidas como "diferentes". Na escola, a experiência muito comum das tra-

vestis e transgêneros que entrevistamos foi de forte estigmatização e marginalização. Mesmo antes do despertar da sexualidade, sua identificação com as meninas faz com que a maioria de suas relações seja com elas, numa fase em que se começa a separar as crianças por sexo. A escola usa o sexo para agrupar as crianças, de forma quase irreflexiva e, ao fazê-lo, contribui para que se pense o mundo em termos dessa dicotomia. Qualquer ambigüidade de gênero é tratada, no mínimo, com estranheza; muitas vezes, com crueldade e punição. Sem a proteção do ambiente familiar, as crianças que não se encaixam nas categorias claras de gênero/sexualidade da cultura hegemônica passam a ter experiências negativas, desde a exclusão até o verdadeiro trauma.

Não surpreende que as aulas de educação física sejam, no nosso estudo, o exemplo mais marcante desse fôlego classificatório, pois a separação muito acentuada entre atividades e “habilidades” masculinas e femininas neste campo é traço básico da sua constituição. De fato, só em anos muito recentes vem-se criticando a forma pela qual as instituições do esporte e da educação física reproduzem, nas suas definições e práticas, a dominação masculina, a inferiorização do feminino e a marginalização de pessoas com capacidades físicas diferenciadas.²⁴

Para nossas informantes, as aulas de educação física tornavam-se um lugar onde toda sua identidade era posta em julgamento. Sendo “meninos”, lhes era exigido demonstrar os interesses e habilidades culturalmente atribuídos a esse sexo; a desistência dessas atividades já

revelava seu “desvio”. Mas as crianças, longe de serem receptores passivos do disciplinamento social, muitas vezes surpreendem com sua capacidade de burlar o controle e as regras impostos. Nossas informantes relataram diversas estratégias que desenvolveram para escapar das atividades esportivas masculinas, principalmente o futebol, como neste caso:

Eu falsificava bilhete como se fosse minha mãe, dizendo que eu tinha problema respiratório, que eu não podia me exercitar, e daí o professor acabava aceitando aquele bilhete, não sei como, e eu acabava ficando sentada lá olhando o tempo inteiro da aula, sempre espiando pro outro lado, vendo o que as meninas faziam, elas ficavam pulando corda, jogavam vôlei, então era tudo o que eu queria e não podia (informação verbal).²⁵

Também havia outros aspectos da convivência na escola que criavam situações em que as crianças sentiam que sua identidade de gênero estava sendo posta à prova. Parece que muito mais na escola do que em casa, a discrepância entre identidade social real e identidade social virtual (GOFFMAN, 1976) é ressaltada e utilizada pelos outros: desde os coleguinhas até as professoras e psicólogos. Nas palavras de uma informante, vemos como a diferença traz problemas de convivência escolar:

Daí conheci vários amigos meus que assim já viam o que que eu era. Mas no colégio a gente sofre muito preconceito, por ser o que a gente é. Por a gente ser assim. Porque tinha mais dois homossexuais no meu colégio, tinha mais uns dois. Só que eles eram assim mais recatados, bem enrustidos eles eram. E eu não,

já era assim bem afeminada mesmo. Deixava que o povo, todo mundo, percebesse o que eu era. Não sei, talvez para tentar alguma aproximação com alguém (informação verbal).²⁶

Para outra informante, a entrada na escola representou o momento de quebra da fantasia que de certa forma sua vida familiar ainda lhe permitia:

Foi assim a primeira decepção da minha vida. Porque eu, quando começou a se cogitar a idéia de eu ir pra escola, estudar, coisa e tal, é, pra mim assim na minha visão, na minha mente assim se criou, o que eu via, que eu ia ter que ir de sainha de preguinha, de maria-chiquinha [risos], blusinha branca manguinha curta. Sabe? Essa era a visão que eu tinha quando me falaram que eu ia estudar. E, de repente, não foi isso o que aconteceu no meu primeiro dia de aula (informação verbal).²⁷

Em alguns casos, destaca-se uma capacidade de negociação incomum em crianças, ao contestar a ordem "natural" que a escola defende.

[...] é, [a psicóloga] falou "ai, é errado pra uma criança de escola, não pode, você é garotinho". Ela falou que eu era garotinho, ela falou assim "você não pode sentar pra fazer xixi no vaso, tem que ir naquele..." é por que tinha aquele negociinho redondinho no banheiro masculino, "você tem que fazer xixi naquele negociinho..." ai meu Deus... eu fiquei... olha... eu não ia nem no banheiro feminino, nem no banheiro masculino, ficava ali, às vezes a manhã inteira, porque eu sempre gostei de estudar de manhã. A manhã inteira sem usar o banheiro, mas eu não ia no banheiro... tentei ir um dia no banheiro, eu já não agüentava mais, quan-

do eu tava indo no banheiro que eu fui entrar na porta do banheiro...aquela piazada tudo começaram a cair no meu pé... voltei correndo pra sala de aula...ah não, professora, como que eu vou no banheiro, eu vou entrar no banheiro dos piás eles olham pelo buraco, começam a ficar de gracinha pra cima de mim, falando isso, falando aquilo, mal entrei no banheiro, já tavam tudo lá berrando no banheiro pra mim... não... não vou... aí comecei a usar o banheiro das professora, lá dentro da secretaria, daí eu não usava nem o das mulheres nem o dos piás... daí tinha que ir lá no banheiro das professora, dentro da secretaria pra poder usar... porque daí como os piá viam que eu ficava só usando o banheiro das mulheres, como que eu ia usar o banheiro dos homens depois, não tinha como... (informação verbal).²⁸

A Talita, que tinha irmãos na escola, sentia-se mais segura do que os seus colegas para expressar sua identidade de gênero. Ela conseguiu estender a proteção familiar para dentro do ambiente da escola.

E ela [minha melhor amiga, travesti] estudou comigo, mas só que ela era assim, a época antes disso eu já tinha estudado com ela, só que eu não conhecia, não cheguei a dar intimidade, sabe?. Não sei se porque ele não queria ser meu amigo, para não ser chamado de viadinho. Porque me chamavam de viadinho. E os meus irmãos também estudavam. Meu irmão estudava na oitava série e eu tava na quinta série. Então os meninos mexiam comigo, o meu irmão chegava junto. Não deixava encostar a mão em mim. Então pelo menos nisso ele me defendia. Não deixava. (Talita - transexual).

Essas experiências que acabamos de citar foram as melhores, para ilustrar casos em que houve a real possibilidade de negociação, com algum tipo de resultado. No entanto, o mais comum era a criança passar todo tipo de constrangimento, humilhação e perseguição por parte dos colegas.

Então muita gente jogava piadinha, às vezes eu tava de costas e vinha alguém me cutucar por trás, me chamar de *gay*, mesmo na brincadeira, mas era uma brincadeira meio sem graça, que me machucava, então no colégio eu passava por esse tipo de problema (informação verbal).²⁹

Isso freqüentemente resulta na saída da instituição do ensino, geralmente na fase da adolescência, causando traumas psíquicos e prejuízos na sua formação vocacional.

Aí, depois de 14 anos, as coisas foram se complicando, a cobrança de outras pessoas, dos professores na escola, dos amigos, eu lembro principalmente na sexta série, até parei de estudar por causa disso, saiu um comentário lá: ah, que eu era isso, que eu era viado e eu não sou isso (informação verbal).³⁰

Voltar a estudar era possível no período noturno, em que a maioria dos alunos são adultos, e a pressão social é relativamente menor. Quando a escola não é mais o principal ambiente de sociabilidade dessas informantes, parece que as atitudes dos colegas não têm mais o mesmo peso emocional.

Aí eu parei uns tempos, acho que com uns 11 anos eu parei de estudar, eu, quando eu voltei, foi com 18 anos. Já era adolescente, né, já era adolescente nessa ida-

de. Daí sim, o pessoal me tirava sarro, né. Mas eu ficava mais no meu cantinho. Ia para estudar. Daí os quatro anos que eu fiz, eu ia lá estudava, não dava bola, eles mexiam, eu não dava confiança. Eu ficava concentrada nos livros. Tirava as melhores notas. Passei tudo por média. Eu não estudei mais porque não quis. Aí não quis fazer o segundo grau. Só terminei o primeiro grau e parei (informação verbal).³¹

Mesmo assim, essa pressão continua considerável. Duas transexuais entrevistadas, que têm o segundo grau completo, identificaram isto como um fator que as afastou da ambição de fazer faculdade. Elas relataram o caso de uma amiga transexual que faz faculdade, mas que tem medo de ser identificada como tal, uma vez que os colegas não sabem de sua condição. Para elas, o nome na chamada, os documentos que precisam ser apresentados, que põem em evidência a discrepância entre identidade social real e virtual – elas não são o que os outros esperam que sejam – conduzem a situações de humilhação que fariam qualquer coisa para poder evitar.

2) Sociabilidades e “subculturas”

A sociedade moderna exige de cada um dos seus integrantes que “seja o sujeito” da sua própria vida: que se responsabilize pela sua vida, que cuide de si, que procure uma “identidade”, que fortaleça seu *eu*.³² Mas ao mesmo tempo em que permite a criação tanto da individualidade quanto de novas formas de *sociabilidade* associadas particularmente às culturas e “subculturas” urbanas – sendo os movimentos sociais dos anos 60 um momento-chave na ampliação das possibilidades culturais – em muitos dos seus es-

paços, os papéis e normas sociais continuam exigindo obediência. No meio rural e semi-rural, nas comunidades muito influenciadas pelo pensamento religioso ou noutros espaços institucionais muito conservadores, como o Exército, parece que as pessoas ainda usufruem muito pouco das possibilidades de se afastar do “papel”.

Para as travestis e transexuais que entrevistamos, o espaço da interação social convencional costuma ser bastante inóspito. As informantes que recebiam maior apoio nas suas famílias de origem se ressentiram muito quando, conforme o passar do tempo e a necessidade de interagir com um número maior de pessoas fora do âmbito familiar, tiveram de enfrentar a hostilidade dos outros ambientes sociais. Ter de transitar por lugares fora de onde os laços afetivos de família ou bairro às vezes ofereciam uma certa proteção, como o espaço da escola ou do mercado de trabalho, podia ser muito doloroso, criando situações de rejeição e humilhação pública. Portanto, muitas vezes nossas informantes faziam a “escolha” de não se expor, como vimos, por exemplo, na seção anterior deste artigo, em relação à saída da escola. Mas em outras ocasiões, não é possível se poupar de contatos com “os outros”. A procura de emprego é uma necessidade, assim como surgem outras situações de convivência obrigatória com um público maior. Situações como o alistamento militar e a participação eleitoral costumam ser momentos críticos para nossas informantes, já que sua identidade masculina é então cobrada e posta em questão.

O alistamento militar, que entre outras coisas é vivido como uma prova

de virilidade, foi muito citado como momento complicado. As formas pelas quais nossas informantes passaram por este período mostram tentativas de burlar este “dever cívico masculino”. Uma informante contou que foi com roupas íntimas femininas para o exame de saúde. Suas motivações são compreendidas, pelo depoimento de outra informante, que alegou problemas de coluna na hora do exame físico:

A minha família era louca pra que eu fosse servir, se eu fosse servir, eu ia virar homem. Imagina, no meio de tanto homem [risos] eu ia virar homem? Nunca! Embora que eu ia descobrir mais cedo. Você sabe que o quartel é cheio dessas coisas. Quartel, seminário, por mais que seja proibido, não sei. Eu no meio de um monte de homem, tudo forte, aí se você tem essa coisa, você vai acabar se soltando lá dentro. No quartel, terrível, ter que fazer força. Imaginem, ter que fazer ginástica, pegar em armas, o que eles fazem (informação verbal).³³

Houve uma informante que de fato serviu o exército e manteve relações sexuais com outros recrutas dentro do quartel. Ao ser descoberta, foi expulsa da corporação.

Eu fiz o serviço militar, faltava um mês para eu completar um ano, eles descobriram a questão da minha orientação sexual. Eu tinha tido relações lá dentro do quartel com várias pessoas. Eles descobriram. Aí eu fui expulsa. Faltava um mês pra terminar tudo meu serviço militar. Tive uma expulsão pela questão da minha homossexualidade ali dentro (informação verbal).³⁴

O voto é considerado um momento importante para o exercício da cidadania, mas para as nossas informantes é um momento de profundo constrangimento. Para elas, ter de mostrar os documentos e submeter-se a um julgamento sobre a legitimidade dele põe em questão sua identidade.

Quando eu tava viajando, eu ia justificar lá, quer dizer, eu não ia votar, ia só justificar, mesmo assim tem que mostrar a identidade pra justificar a seção que você vota no correio. Então, e aqui acontece, é horrível. Uma vez que eu tinha guardado o título e não sabia onde tinha colocado, e agora, como é que eu vou votar? Fui pedir pro meu amigo, você vai com a identidade minha, em tal porta, tal seção, que eu tô mais ou menos lembrada, e pergunta se é ali. Daí na hora o cara: mas cadê o Paulo? Mas cadê o Paulo? Sou eu! Aí na hora que eu saí foi aquele cochicho todo. Ai, é terrível isso. E as outras vezes é assim: você vai lá com o título, quando estão de cabeça baixa tudo bem, mas quando olham pra tua cara, daí começam a ficar te olhando. Você vai lá e vota o mais rápido possível. Até você tá na fila, tá uma simpatia, depois que você entrega o documento, aí não tem mais. Você tem que votar rápido e sair (informação verbal).³⁵

Em vista dessas situações em que se vivem tanto a marginalização como a estigmatização, a construção de outros espaços de sociabilidade torna-se fundamental. As amizades com as mulheres são muito importantes para a maioria das entrevistadas, tanto por sua identificação com o feminino quanto pela dificuldade de serem aceitas por homens heterossexuais. “Sempre fui de ter mais amigas

mulheres. [Os homens heterossexuais] Não assumem e também acham assim que amizade é tudo cama, né?!” (informação verbal).³⁶

Na história de vida das nossas informantes, a viabilidade de uma “identidade diferente” vincula-se à ausência ou presença de outros modelos que oferecem alternativas à normatividade convencional. Inicialmente, nota-se uma falta de compreensão de si, e a transgênero começa a se perguntar: “O que sou eu? Homem ou mulher? Por que sou tão diferente dos outros? Qual nome assumir? Como me entender?”. Nestas condições, o primeiro encontro com uma outra pessoa parecida com ela pode oferecer uma grande luz: “Então, eu não sou a única pessoa diferente”. Permite ver que há alternativas ao isolamento, ao estigma; que “há um nome”, mesmo sendo pejorativo, para aquilo que “eu sou”.

É do tempo que eu pensava que eu era mulher, depois eu descobri que não era mulher, que eu era um homossexual, eu falei que era uma opção sexual através de uma outra travesti, que ela chegou pra mim e falou “não, a gente que nasce assim... a gente é chamado de homossexual, travesti, veado, gay, essas coisas na rua”. Fiquei abismada (informação verbal).³⁷

À medida que nossas informantes, geralmente obrigadas a se manter à distância da sociedade convencional, conseguiram acesso a espaços “subculturais”, as possibilidades de novos laços de sociabilidade trouxeram grande alívio. Um dos lugares onde isto acontece é a boate gay, um primeiro espaço de descoberta e socialização na vida

adulta. Estes lugares servem para aprendizagem e transmissão dos códigos de conduta esperados deste grupo social.

Já tinha terminado com meu namorado, mas numa boate *gay* assim era a primeira vez que eu tinha ido, então não sabia falar a linguagem... Nagô... sabe essas coisas: "mona, bofe", eu não entendia nada disso ainda. Eu tinha 17 anos, quando fui ali com ela [amiga]. Aí ela entrou, mas eu entrei junto com ela, mas como se fosse irmão, a gente era muito parecido. Aí que eu fui aprendendo as linguagens. Quando abriu aquela boate, abriu a Insanus, eu comecei a freqüentar a Insanus, aí o Época. Aí que eu fui convivendo e aprendendo como que era que a gente tinha que levar a vida da gente. Daí fiz as amizades com a minha amiga [...] já que é assim que a gente ia levar a vida, então vamos levar a vida desse jeito (informação verbal).³⁸

As boates *gays* hoje assumem, em parte, o papel representado pelos bailes no Clube Operário para uma geração anterior (as travestis hoje com mais de 40 anos). O Operário atraía também pelo glamour.

Fui no Operário um dia e amei ver os travestis tudo vestido de mulher, todos bonitos, de cabelo comprido, seios de silicone... Eu tinha 23 anos, eu estou com 45. Aí que eu comecei a andar na noite. Eu cheguei lá deslumbrei de ver aquela lindeza. Eu era homem, aí tomei hormônio, fiquei bonita. Porque o hormônio deixa a gente muito bonita. Eu era jovem, o organismo aceitava bem. Fiquei deslumbrada [na minha primeira noite como travesti]. Me maquiaram, fiquei bem bonita, pintaram meus olhos.

Fiquei bonita. E daí me emprestaram roupa. Daí eu deslumbrei, não deixei de freqüentar, a dançar. Comecei a freqüentar a praça e comecei a me prostituir e a ganhar dinheiro (informação verbal).³⁹

Outro lugar de socialização é o espaço da rua, especificamente da prostituição. Mesmo sendo este um meio permeado de violência (tanto perpetrada pelos outros – a polícia, os clientes e outros –, quanto pela competição dentro do próprio grupo), também estabelecem-se, entre as travestis, laços de amizade, solidariedade e apoio mútuo. Neste sentido, nossas informantes são parecidas com as de Matzner (2001) e Kulick (1998) que enfatizavam o que nas palavras de uma informante deste primeiro pesquisador tratava-se da formação – muitas vezes espontânea – de formas "quase comunitárias" de vida (MATZNER, 2001, p. 54).

A identificação subcultural – que inclui linguagens, símbolos, códigos e construções identitárias alternativas, que resgatam e validam a *diferença* – parece depender de duas coisas. Por um lado, requer um grau de acesso a construções simbólicas e políticas já existentes, pois de fato já circulam na nossa sociedade, embora de forma restrita, elementos para uma identidade *coletiva* transgênero, produto tanto da convivência espontânea quanto da ação política de movimentos e grupos que trabalharam para resgatar e construir. Por outro lado, requer participação num meio onde essa identidade compartilhada se faz sentir, seja o espaço da prostituição, como já mencionamos, seja o ativismo político, que foi o terceiro exemplo de tal convivência que

encontramos no grupo entrevistado. Importante é assinalar as evidências de como as construções subculturais são elaboradas em relação a uma cultura hegemônica que, num primeiro momento, parece silenciá-las, mas, em outro, passa a ser influenciada por elas. Várias de nossas informantes assinalaram este fato, o que nos sugere que ainda há muito o que pesquisar sobre a forma pela qual as travestis e transgêneros em geral se fazem presentes na cultura brasileira atual. Um exemplo dado destacava a importância do nagô, falado entre o grupo, principalmente durante a época da ditadura, para a autoproteção. Entretanto, como a informante assinala, hoje até os meios de comunicação de massa se apropriaram não só do dialeto, mas de todo um *modo de ser*:

Muitas vezes tinha que se usar o dialeto todo pra disfarçar na época. Tinha muita perseguição na época, hoje não. Já é uma linguagem universal. Qualquer pessoa fala. A Vera Loyola, a *socialite*, usa. A Monique Evans usa muito. A MTV, que explora muito esse lado. Está mais universal. Do mundo *gay* especificamente. Travesti você sabe como é. É escandaloso. É muito chamativo, de chocar. De gritar, de brigar (informação verbal).⁴⁰

O que sugerimos aqui é que há uma certa apropriação, que ainda pretendemos pesquisar, da própria imagem das travestis e das transexuais que se gera através da política, das reivindicações e lutas, mas também por conta dos interesses comerciais que fazem parte da lógica cultural deste mundo pós-moderno.

3) Sexualidade/Relações amorosas

A sexualidade é, na sociedade moderna, um dos campos mais importantes onde se constrói a identidade do sujeito. Existe hoje em dia uma vasta literatura sobre a temática, que mostra como historicamente a mesma categoria de “sexualidade” se desenvolve como parte do complexo de um novo “poder disciplinar” que classifica, organiza e submete os corpos – mas que, paradoxalmente, cria o terreno onde, na construção das identidades sexuais modernas, as pessoas poderão ir para além dos controles da normatividade social.

Giddens (1993) defende que a “sexualidade plástica” das sociedades contemporâneas liberta as pessoas para escolhas e orientações diversas; estudiosos da sexualidade como Parker (1999) e Weeks (1999) enfatizam as liberdades conquistadas pelos grupos e culturas sexuais anteriormente marginalizados, enquanto numerosas teóricas feministas ressaltam as contradições do nosso momento, principalmente em relação aos controles que a sociedade contemporânea continua impondo sobre o corpo e a sexualidade femininos. Surge então, para a nossa pesquisa, a dúvida concreta: as travestis e transexuais, que a princípio pertencem à categoria das “minorias sexuais”, e que geralmente iniciam suas vidas sexuais pela homo-orientação, conseguem negociar para si uma identidade diferente, mas socialmente “legitimada” ou “legitimável”? Quais as dificuldades particulares que enfrentam e como lidam com elas?

A descoberta da orientação sexual entre as nossas informantes aconteceu já na infância, uma vez que desde pequenas sentiam-se atraídas por homens.

GÊNERO

Neste sentido, a aceitação da própria homossexualidade pode ter sido um tanto conflitante para elas, porque nas brincadeiras infantis os papéis de gênero eram bastante definidos. Além de se sentirem atraídas pelos meninos, elas identificavam-se com o “universo feminino”: bonecas, maquiagens, saltos etc. Desde cedo aprenderam a negociar suas condições sexuais e sociais tanto com os pais quanto com as outras crianças. Podemos perceber isso na fala da Letícia:

Irmãs da parte da minha mãe seis, seis irmãs mulheres, então a gente brincava sempre junto, na parte da brincadeira, eu sempre queria ser a chefona, a dona da casa, a dona da vila inteira, quando a gente inventava de fazer vila inteira com vizinhos brincando, eu sempre era a chefe, queria ser a chefe, então eu era a chefe que ficava organizando tudo, sempre tava treinando como chefe e assim, depois de grande, brincava de boneca e tudo, com as crianças, os molequinhos, com os homens tinha uma brincadeira de vaca, que a gente brincava de boi, e na brincadeira de boi eu sempre queria ser a vaca, nunca queria ser o boi, se alguém falasse assim, tá faltando um boi, e você vai ser o boi, eu saía da brincadeira. Eu sempre queria ser a vaca, que alguém visse tirar leite de mim, ou que o boi subisse em cima de mim, fui crescendo, crescendo... (informação verbal).⁴¹

A vida sexual, para um grande número de informantes, começou com abuso sexual na infância ou iniciação sexual violenta. Conforme o relato de Valéria, sua primeira experiência sexual foi tão brutal, que ela mesma faz questão de esquecê-la:

Aos 12, foi aquele acontecido, mas eu não conto isso como a primeira vez, não foi por amor... foi uma coisa brutal, o cara me jogou na cama e fez o que tinha que fazer e pronto, então o cara foi muito bruto, sabe... aí, depois desse cara, que eu conheci o primeiro homem, porque eu não tive minha primeira relação sexual feminina. Minha primeira relação foi com o sexo masculino, então o mesmo tipo que eu... só que daí comecei a me apaixonar, sabe, fui aprender a beijar com esse cara, só que ele me tratava super dez, aí eu não sei se por que, eu era muito novinho ainda (informação verbal).⁴²

Embora seja um lugar-comum estabelecer uma relação de causa e efeito entre estupro homossexual e desenvolvimento posterior da homossexualidade na vítima, a maior parte dos depoimentos aponta para o contrário. Nas nossas evidências, notamos que elas geralmente se tornaram alvo desta violência depois de serem identificadas como “homossexuais” pelos agressores.

A gente já olha assim, já olha pro sexo masculino com aquela tendência, mas você não sabe que é aquilo, eu olhava pro sexo masculino, a primeira vez que eu descobri o sexo masculino foi com meu tio, meu tio tinha bebido, tomado um porre, daí ele abaixou o zíper, abaixou as calças e mostrou as genitais pra mim, sabe, isso eu tava com 16 anos, daí eu não apaguei da minha memória, mas nem por aí, sabe, eu fiquei traumatizado com isso, ele falava “eu sei que você gosta disso aqui”, tirando as genitais pra fora e mandando eu pegar, sabe, e falava isso completamente bêbado (informação verbal).⁴³

Muito reflexivamente, uma das informantes avalia esta hipótese, mas logo a descarta.

Era, eu era usada sexualmente por um tio, entendeu? Eu até então não sabia o que era sexo, entendeu? Depois, com dez anos, eu voltei para trás e vi muita coisa. Muita coisa que acontecia, que eu achava que não era certo. Eu não coloco isso a causa de eu ser homossexual (informação verbal).⁴⁴

Uma outra, mesmo tendo iniciado precocemente sua vida sexual, com um parceiro bem mais velho, relata a experiência como uma primeira aventura, que ela viveu por sua própria vontade:

Ele era bem mais velho que eu. Eu, na época, eu tinha 12 anos e ele tinha seus 30, trinta e poucos anos, ele já era homem feito. Era um homem bonito, atraente, aí eu, "eu vou". [...] E ali a gente começou, sabe? E ele me ensinou, ele foi muito carinhoso, muito compreensivo, e eu sei que a gente acabou se despindo, e a gente tentou uma relação e não conseguimos, porque ele era um homem e eu era uma criança [...]. Mas eu não sei te dizer assim como eu me sentia, se eu me sentia mulher, se eu me sentia o que, ali, sabe? Eu só sei te dizer assim que para mim foi maravilhoso aquela sensação de estar com um homem. Maravilhoso (informação verbal).⁴⁵

As transexuais, em particular, consideram seus relacionamentos com homens como heterossexuais. Preferem homens másculos e ativos e a maioria daqueles com quem se relacionam também se consideram heterossexuais.

[...] A gente que é travesti, a gente gosta de ter amizade, conversar assim com travestis, sabe? Agora, já assim com homossexuais, assim, masculino, mesmo, eu não gosto muito, sabe? Apesar que o meu namorado, apesar que o homem que tem uma relação com travesti, com homossexual, é considerado homossexual, né? Mas para mim eu não acredito, ele não é homossexual, entendeu, comigo. Ele não se considera. Nem eu considero ele homossexual. Por causa que pra ele eu sou completamente passiva, né? Para ele, eu sou completamente passiva. Ele nunca viu assim meus órgãos (informação verbal).⁴⁶

As transexuais se reconhecem, mas sabem que os outros não as aceitam. Depois de afirmada sua identidade para si, elas não aceitam relacionamentos "homossexuais".⁴⁷ Portanto, ao encontrar parceiros no "mundo heterossexual", elas precisam se valer dos truques para esconder sua anatomia ou sua condição.

A primeira relação foi complicada, porque eu enganei. Eu tinha 15 anos, e ele pensou que eu era menina mesmo, e eu tava menstruada durante um ano, a minha menstruação nunca parava, quando chegava no ponto final de ir pra cama, eu sempre tava menstruada. Essa é uma desculpa que as mulher também pode usar. Só que essa situação, um dia, ia ter que acabar. Aí eu tive que contar a verdade. Só não apanhei porque era feminina. Ele falou assim, eu não vou te bater, porque você é muito feminina (informação verbal).⁴⁸

A emergência de uma identidade "transgênero" – e seu vínculo com a prática sexual – é demonstrada no caso de uma transexual que teve dois namorados gays.⁴⁹ Ou seja, um parceiro "hetero" re-

alça a feminilidade da travesti ou da transexual, enquanto um parceiro *gay* pode pôr a própria identidade em questão. Esta informante relata que, enquanto estava com um parceiro *gay*, deixou até de tomar hormônios femininos:

Primeiro namorado assim que me aceitou como homossexual. Não como uma menina. Só que ele não queria que eu me transformasse, ele queria que eu fosse apenas *gay*, sabe? Falava: “você é um rapaz tão bonitinho! Por que que você vai fazer isso com a tua vida?”, e eu gostava dele, sabe, então cortei meu cabelo, parei de tomar hormônio. [...] Daí, depois que eu fiquei sozinha assim, daí eu namorei com outro, que era um jornalista lá de Itajaí. Esse também queria que eu ficasse só gayzinho, rapazinho. Então daí também com ele, eu não tomei. Fiquei como eu era mesmo. Eu fiquei com ele 11 meses. Daí eu fiquei, nós terminamos, passou um tempo, eu conheci o Júnior, que já queria que eu fosse mais feminina, sabe? E eu conheci o Júnior depois desse *show*, que eu tava te falando. Como nesse *show* ele me viu lá feminina, mulher assim no palco (informação verbal).⁵⁰

Como a maior parte das pessoas na nossa sociedade, elas têm como ideal o estabelecimento de uma relação estável e duradoura. A busca pelo amor romântico, a idealização dos parceiros que as tornem “inteiras” e de um casamento feliz é muitas vezes frustrado de uma forma particular para elas – ou talvez de uma forma não tão diferente de outras pessoas, de orientação hetero ou homoerótica. Na fala de nossas informantes, os homens que se aproximam de travestis e transexuais são, em sua maioria, exploradores. Muitas delas não desistem do

sonho, que parecem reproduzir na forma estereotipicamente feminina da cultura hegemônica, com todas as trocas materiais e simbólicas que o namoro e o casamento trazem.

Sem namorado. Sem nada. Mas eu queria ter um namorado, um marido. Aquela coisa bem de “bobinha”. Que nem novela das oito. Do namoradinho. Um homem do lado, pra eu levar café na cama. Essas coisas bem, você sabe, né? De ter um homem. Um parceiro. De ser paparicada. De receber flores. Adoro ganhar flor. Então é isso. Eu tenho só coisas esporádicas (informação verbal).⁵¹

Uma informante transexual idealiza a felicidade que seria possível, baseada na história da Roberta Close:

Porque que nem eu falei da felicidade, eu posso não ser totalmente feliz que nem eu seria se fosse um rapaz, assim, normal, mas tipo, eu posso ser feliz, ter momentos felizes, sendo uma transexual, mas uma transexual realizada, entendeu, assim, que nem a Roberta Close, que é linda, operada, mora na Suíça com o marido dela. Isso é uma felicidade também. É assim que eu penso, já que eu sou, já que eu vim pra ser desse jeito, que seja do melhor jeito possível, não me acabar, me estragar, entende? (informação verbal).⁵²

A realidade, no entanto, parece destoar do almejado. De acordo com a pesquisa de Kulick (1998), as travestis de Salvador conhecem seus “vícios” (parceiros com quem se relacionam, geralmente namorados, com quem fazem sexo sem cobrar) e sabem que eles querem ser apenas sustentados por elas e, surgindo

uma oportunidade melhor (outra travesti com mais dinheiro), eles não hesitarão em trocá-las. São relacionamentos complicados em que o fator econômico prevalece. Uma de nossas informantes, Bárbara, por ser mais experiente, aconselha suas “filhas” (travestis jovens que alugam cômodos em sua casa) a não se envolvem emocionalmente com homens.

É o que eu digo pra elas “homem atrapalha”. A cabeça minha eu tento inculcar na cabecinha delas que homem não é boa coisa. Não vai trabalhar, quando muito gostam de se encostar, de aproveitar. Então eu vendo minhas amigas que tinham aqueles homens que se encostavam, eu já tirava o corpo fora. Namorava um, “que bonitinho”, mas depois tchau, até logo (informação verbal).⁵³

Apesar de nossas informantes buscarem relacionamentos com homens, muitas tentaram relacionar-se com mulheres, talvez numa tentativa de auto-afirmação como heterossexuais, que acabou não dando muito certo.

A primeira vez que eu beijei um homem, eu pensei: é isso mesmo que eu quero! Foi bom, diferente de quando eu beijei uma mulher antigamente. Quando eu beijei uma mulher, eu me senti enojado. Eu não sentia nada por ela, era mais uma amizade. Então, quando eu tive o primeiro relacionamento com homem mesmo, eu falei: é realmente isso que eu quero. Eu gosto de homem. Eu sou mulher e tem que ser assim [...] (informação verbal).⁵⁴

Lembramos aqui que os modelos de gênero/sexualidade que as travestis e transexuais têm a sua disposição ainda são basicamente os que provêm da “ma-

triz heterossexual” (BUTLER, 1990). Neste sentido, para as transexuais, parece ser mais fácil o estabelecimento de relações amorosas que para as travestis, uma vez que as transexuais se vêem como mulheres e esposas e buscam nos seus homens o “marido ideal”. Parece-nos que as travestis lutam para se realizar em seus relacionamentos, mas isto freqüentemente traz grandes problemas, tanto para elas quanto para seus parceiros. O exercício da sua sexualidade, assim como sua identidade como um todo, estoura as fronteiras dos papéis dicotômicos de homem ou mulher e não se acomoda facilmente dentro das definições mais comuns do homoerotismo.

4) “A difícil vida fácil”: as relações de trabalho das travestis e transexuais

Basta uma rápida olhada nos anúncios de emprego para deixar claro que o mercado de trabalho possui uma estrutura segmentada pelo gênero – definido pela dicotomia convencional homem/mulher. Muitos valores subjetivos e avaliações estão embutidos nesta divisão – sobre aquilo que um homem ou uma mulher pode ou deve fazer. Pessoas com uma ambigüidade de gênero poderiam causar confusão e sentir rejeição, por não se encaixarem facilmente nos nichos que existem no mercado de trabalho. A mesma ambigüidade pode ser vista como algo capaz de perturbar o desempenho da função, principalmente num mundo onde muitas ocupações se exercem vinculadas à apresentação e conservação da imagem (LASCH, 1979). A exemplo disto, temos uma situação vivida por Paula (transexual). Professora do ensino fundamental, com graduação em Letras, nossa informante contou o constrangimen-

to pelo qual passou numa reunião de pais e mestres, quando os pais dos seus alunos se mobilizaram e exigiram sua retirada imediata de sala de aula. Paula teve, em compensação, o apoio da diretora do colégio, pois esta a considerava uma boa funcionária e apta para ocupar o cargo.

[...] lectionei quatro anos. Aí o preconceito bateu na minha porta. Aí eu não tive forças para vencer. Era a maioria. Teve abaixo-assinado e tudo. É porque eu comecei a dar aula para a quarta série. Daí, eu estava fazendo o magistério na época. Saí do magistério e entrei na faculdade direto. Aí, depois que eu entrei na faculdade, no segundo ano, comecei a dar aula de quinta a oitava. Foi daí que eu enfrentei. Foi na quarta série que eu tive bastante problema com os pais. Teve abaixo-assinado e tudo, eu presto, né? Daí a professora, a diretora do colégio que eu dei aula, a dona Ana, [quem] foi a minha primeira professora de pré-escola me defendia muito bem. Então ela lutou o tanto que ela pode. Quando a gente não agüentou mais, a minha cabeça, o meu psicológico tava muito, muito, muito... aí eu resolvi parar (informação verbal).⁵⁵

As primeiras experiências de trabalho de boa parte das informantes foram como empregadas domésticas, mas também atuaram em outros empregos tipicamente femininos e de baixo *status*, mal remunerados e instáveis. Fizemos um levantamento das experiências de trabalho das nossas informantes no mercado formal, registrando as seguintes atividades: costureira, balconista, manicure, cozinheira, secretária, recepcionista, faxineira, babá, lavadeira, cabeleireira, auxiliar de escritório, telefonista, copeira. Anotamos também algumas experiências isoladas muito significativas, como a de

Josiane (transexual), que trabalhou durante 23 anos na antiga fábrica de fósforos Fiat Lux; e a de Fernanda (transexual), que trabalhou nas Lojas Americanas e na fábrica O Boticário. Ambas foram contratadas como auxiliar de serviços gerais. Hilda (travesti) relatou que no início da década de 1970, quando residia em São Paulo, trabalhou como doméstica para os costureiros Denner e Clodovil.

Toda a vida eu fui prendadinha. Sabia fazer as coisas. Daí eu fui arranjar emprego doméstico. Adivinha com quem eu fui trabalhar? Em 70, Clodovil, [risos]. [...] Em 70, você não sabe como isso era, você é muito nova. Daí em 70, eu comecei a trabalhar para o Clodovil, quando ele começava a ser um grande costureiro. Que antes tinha o Denner. Que eu conheci o Denner, foi em 69, [...] A gente estava assistindo o Carnaval aqui em Curitiba. [...] Então fui embora com o Denner pra São Paulo. [...] Ele perguntou se eu queria ser doméstica. Daí eu resolvi largar a mão dessa putaria para ver se minha família me aceita. Daí eu fui trabalhar por causa disso. [...] Larguei do Denner. [...] Fui para o Clodovil. Daí eu fui trabalhar com ele, fiquei na base de dois anos (informação verbal).⁵⁶

Geralmente já prejudicadas pelos preconceitos que limitaram suas oportunidades de estudo, sofrem rejeição quando procuram emprego, sendo conduzidas para a prostituição. Muitas tentaram se manter nesses empregos, mas cedo ou tarde acabaram recorrendo ao universo da prostituição.

E daí a gente começou a passar necessidade em casa, de não conseguir pagar aluguel, porque daí eu tava sem traba-

lhar. E daí começamos a passar necessidade. Aí que eu conheci uma amiga minha, que ela fazia prostituição lá no Pinheirinho. E eu naquele desespero, eu fui até ela. Falei: “olha, eu preciso, senão eu vou passar fome. Eu não consigo emprego”. Até tinha ido ver um emprego numa empresa, aí fiz os testes, tudo o que era necessário. Passei nos testes, tive aprovação e ficaram de me ligar. Trinta dias, no máximo 30. E já se passaram seis anos disso e até hoje não tive resposta. Mais uma vez o preconceito falou mais alto, e aí eu fui até essa minha amiga e acertei com ela como seria, porque ela que comandava aquele ponto, e fui. Falei: “vou ter que ir senão não tem jeito” (informação verbal).⁵⁷

Enquanto o mercado de trabalho convencional na maioria das vezes apresenta-se hostil a elas, parece que a rua as “convida” para a prostituição. Segundo uma informante, as pessoas olham para as travestis e só as enxergam como um objeto sexual. Enquanto o mercado convencional as rejeita, a rua as acolhe.

E na prostituição mesmo, eu comecei a fazer programa com 15 anos. Por causa que eu saía para a rua, e comecei a colocar assim vestes femininas, para sair. Uma coisinha ou outra, não saía muito pintosa, sabe? Mas sempre tinha um homem que percebia, eles passavam de carro. Ele percebia e mandava a gente, daí entrava no carro, ele oferecia dinheiro e eu já ia com ele. Entendeu? (informação verbal).⁵⁸

Neste sentido, a *batalha* torna-se uma solução imediata e rápida no tocante à sobrevivência das *monas*. Verificamos que a forma de inserção neste universo sempre ocorre por intermédio de uma amiga que já *batalha* num determinado

ponto. A maior parte fala de sua experiência na prostituição de forma bastante negativa, com exceção de uma informante com uma visão que associa a prostituição ao glamour: a beleza, o dinheiro e o poder.

Cheguei lá, vi tudo muito bonito, todas elas bonitas, naquela praça, e os carros procurando a gente, ali. E a gente se influenciou e foi indo. Como te falei, tinha estudado, terminei o primeiro grau, fiz alguns cursos, inclusive a minha primeira amiga que me levou pra esse clube, desde aquela época... Gostei e gosto. Hoje em dia raramente eu saio. No inverno, eu fico em casa, mas no verão eu sempre gosto de sair (informação verbal).⁵⁹

Além do espaço das ruas, a *batalha* também ocupa uma seção denominada DIVERSOS, no tópico ACOMPANHANTES, nas páginas de classificados do *Tribuna do Paraná*, um jornal de cunho editorial popular, que tem uma grande circulação no município e região metropolitana. Quem nos deu essa dica de pesquisa foi Gaya⁶⁰ [travesti], nossa informante que *atende* os clientes no seu apartamento. As exigências que o jornal coloca para se fazer este tipo de anúncio consistem em que a *mona* compareça pessoalmente para registrá-lo.⁶¹ Os anúncios das outras seções podem ser feitos por um 0800, tendo em mãos os números do RG e do CPF. O jornal declara que “o teor dos anúncios publicados não é de responsabilidade do jornal”.⁶²

Apesar de toda a pressão e da dificuldade para sobreviver na *batalha*, e dos esforços para não precisar recorrer a ela, nossas informantes estão sempre à procura de novas possibilidades. Como assinalamos, antes de “*cair na vida*”, algu-

mas informantes viveram experiências de trabalho ligadas ao universo feminino de baixo *status* nos quais sentiram, até certo ponto, satisfação. Embora pareçam prevalecer sonhos e fantasias de empregos estereotipadamente femininos, algumas desejavam e ainda desejam se preparar para a vida através de uma faculdade, explorando potencialidades que antes não tiveram chance de desenvolver.

A ONG Grupo Esperança promove como forma de resgate da dignidade e da cidadania do seu público assistido, sob forma de política pública, cursos de capacitação profissional, como de corte e costura e artesanato, para que as travestis e transexuais tenham outra alternativa de renda.

5) Representações do masculino e do feminino

É muito importante ouvir, das próprias travestis/transexuais, o que para elas representa o “ser homem” ou “ser mulher”, “ser feminino” ou “ser masculino”. Entendemos que elas fazem uma interpretação ou *ressignificação* dos símbolos e códigos de gênero/sexualidade que circulam na sociedade de hoje. Queremos analisar essas re-significações, visando entender melhor sua relação com o poder e com as normas sociais vigentes.

Os roteiros sociais iniciais que as travestis e as transexuais têm à sua disposição são geralmente os mais convencionais que existem, produzidos pelos meios de comunicação de massa, pela Igreja e pelas tradições populares. Pelo menos aparentemente, não têm acesso aos discursos alternativos, que ainda circulam

pouco na sociedade. Algumas adquirem acesso a estas perspectivas mais tarde, na vida adulta, resultado de uma militância própria. Portanto, não surpreende que elas tendam a associar o feminino a questões do corpo, da beleza e da vaidade, além de ao serviço doméstico e ao “instinto maternal”.

A profissional do sexo Talita tem uma afirmação bastante típica a esse respeito: ela explica que os clientes procuram nela a feminilidade que as esposas “esqueceram”. Esta feminilidade é materializada no uso de cosméticos e roupas que consomem grande parte do seu dinheiro – nesse caso um gasto necessário para a sua aquisição. O que se destaca em sua fala é que esta feminilidade existe para agradar mais os homens, mas não exclusivamente por uma exigência profissional. São para eles o perfume feminino, o cabeleireiro, os sapatos de salto:

Os homens não gostam disso [cara lavada] não, os homem gostam da gente, que é travesti, por causa que eles vêem na gente muita coisa que eles não vêem nas mulher. Por causa que, eu acredito, não são todas, mas as mulheres caíram um pouco no esquecimento daquela feminilidade que elas tinham. E os homem vêem isso na gente, por isso que a gente sai muito, eu saio muito com homem casado (informação verbal).⁶³

A afinidade com os trabalhos ditos “de mulher” aparece de forma conflitante no depoimento de Nataly. Ao mesmo tempo em que afirma gostar do serviço doméstico – como uma condição que, segundo lhe ensinaram, é necessária para ser mulher – diz que não nasceu para executar esta atividade.

Eu gostava de cozinhar, limpar a casa. Que a minha mãe falava assim: “se você quer ser mulher, tem que ser boa dona de casa”. Você acha que eu nasci pra ficar na beira de fogão? Não sou mulher disso não. Falei [para a minha mãe], “imagine”... Eu não tinha o que fazer, então eu fiz curso assim no Senac, fiz curso de culinária, etiqueta (informação verbal).⁶⁴

A expressão pejorativa “ficar na beira do fogão”, ou “ser mulher disso”, sugere o que estaria na raiz desta sua outra atitude, a de rejeição deste trabalho. O serviço doméstico é extremamente desvalorizado, tanto quando é realizado na própria casa (sem remuneração) como quando o é profissionalmente. “Ficar na beira do fogão” é estar, imediatamente, numa posição subalterna.

Na narrativa de outra informante (Paula – transexual) não há associação entre a afirmação daquela posição e a perda do privilégio masculino. Sua sensibilidade e subjetividade são listadas juntamente com suas atividades de limpeza e artesanato.

Eles falavam que eu nasci totalmente no corpo errado. Porque a minha alma é toda feminina. Porque eu sou uma mulher perfeita. Eu adoro. Eu lavo, passo, costuro, cozinho, eu pinto, eu bordo. Os meus pensamentos são todos femininos. Eu fico em casa... (informação verbal).⁶⁵

Podemos pensar em como o lugar de sua *alma* não é o mesmo lugar do seu *corpo*. Neste caso, levar o corpo para a cozinha ou a lavanderia representa uma vitória da *alma feminina* sobre o *corpo masculino* – levar o corpo (que é um lugar errado) para o lugar de sua alma. As atitudes socialmente atribuídas a mulhe-

res são expressões de sua subjetividade tanto quanto os seus *pensamentos femininos*.

A feminilidade também é associada à gestação – um ponto certamente doloroso para muitas transexuais – e à maternidade. É quando falam da gravidez, e não quando falam de hormônios, que as transexuais se referem à ausência de ovários. Se em outros momentos a condição transexual é entendida como presença (de um cabelo feminino ou amor de mulher, ou, num sentido negativo, do pênis), ou se refere, positivamente, à ausência de caracteres físicos masculinos, como pêlos no rosto, no que tange à gestação é que uma ausência é evocada de maneira negativa para definir a condição transexual.

Pra mulher é anticoncepcional, mas pra gente não vai fazer o efeito anticoncepcional porque nós não temo ovário pra evitar uma gravidez. Por falar nisso, sabia que essa noite eu sonhei que tava grávida? [ri]. Eu tava tão linda grávida [ri]. [...] Nós fomos no médico, minha irmã mais velha que me levou. A gente chegou no hospital e o médico falou assim: “mas ela não é mulher!”. Daí minha irmã falou: “mas é mulher ou não seja, ela tá grávida. Como, eu não sei, só sei que ela tá grávida” [ri] (informação verbal).⁶⁶

Na percepção de uma entrevistada, existem barreiras para a adoção, não apenas jurídicas, mas também morais. A mãe, por saber que seu filho seria discriminado, aparece como responsável por esta discriminação:

Projeto eu tenho assim, ao mesmo tempo eu acho que não devo [...], eu tinha vontade assim de adotar uma criança

[...]. Tanto com o próprio preconceito, porque com certeza na escola vão dizer [...]: “é, você não vai, tua mãe não é mulher, é um homem” [...]. Então eu penso que de repente eu poderia causar sofrimento pra uma criança. O sofrimento que eu passei, passar para uma criança eu acho que não seria justo também [...]. E tem uma amiga minha que tem filho. Daí ela disse assim: “ah, mas uma criança precisa de amor, não importa o jeito que a mãe ou o pai seja”. Eu já não analiso muito pra esse lado, não, porque a sociedade é cruel e cobra. Cada passo em falso que você der a sociedade cobra (informação verbal).⁶⁷

A hermafrodita Luana é a única entrevistada que passa pela experiência da maternidade, tendo adotado três meninas. Ela define maternidade através do amor:

[...] falava para minha avó que eu queria ser mãe, e coloquei isso na cabeça que em um ponto eu parei de comer, ou quando comia vomitava, e eu me cobrava demais porque eu não sangrava como a minha mãe. Da noite para o dia a minha barriga começou a crescer, e comecei a engordar, mas minha família falava que era barriga d'água, porque criança bebe qualquer coisa. Como eu chorava muito e tinha bastante depressão, eles me levaram em um psicólogo que descobriu que eu estava grávida psicologicamente. Eu decidi, então, depois de conversar com minha mãe, que era minha amiga, que eu queria adotar uma criança. [...] Eu me sentia muito mãe, muito mulher, e pra mim foi uma realização muito grande porque meu companheiro apoiava todas as minhas loucuras, existia amor entre tudo isso e o amor supera tudo, vence todas as irrealidades, que se tornam rea-

lidades. Mãe é um estado de consciência da criatura, muitas vezes eu como hermafrodita era uma mãe muito mais perfeita, tinha muito mais amor que muita mulher. [...] Para a minha [filha] em seu devido tempo eu falei exatamente quem eu era, mas nunca troquei de roupa na frente dela, eu sempre mantive o respeito que minha mãe me ensinou (informação verbal).⁶⁸

A experiência de sintomas físicos da gravidez também aparece no depoimento de uma travesti: “Quando ela [minha irmã] engravidou do segundo filho, parecia que era eu que tava grávida, eu sentia desejo” (informação verbal).⁶⁹

Por fim, o depoimento de outra travesti indica que “brincar de mulher”, para uma criança, também pode ser brincar que está grávida: “É, sufocar... e dizer que aquilo eu não podia aceitar, a vontade de ser mulher, de querer brincar de mulher, de botar a barriga de fora, que tava grávida” (informação verbal).⁷⁰

Embora uma boa parte delas fale da sua feminilidade em termos bastante estereotipados, há também momentos em que algumas delas ressignificam as dicotomias, tentando criar ambigüidade onde os outros só enxergam dois pólos opostos.

Uma vez a gente foi no mercado, daí eu fiz um escândalo lá que eu queria uma Barbie que tinha. E ele [pai]: “não pode, é de menina”. E eu falava: “não é de menina, ó, tá com um vestido azul”. [ri] Que para mim tava com vestido azul era de piá. Mas era uma desculpa assim, sabe, que eu sabia que não era de menino. Daí ele acabou comprando (informação verbal).⁷¹

Emerge da fala da maior parte das nossas informantes uma visão da mulher como objeto do desejo do homem, passiva (também sexualmente), e muito orientada para questões estéticas e em certa medida também para questões emocionais ou de cuidado dos outros. Aparece uma certa admiração pelo masculino, em termos estéticos, sexuais e também pela associação que é feita com o poder. Em alguns momentos, o homem também aparece como agressor; alguém em quem não se pode confiar totalmente.

O que um homem quer? O homem quer terreno. É igual cachorro. Quando o cachorro vai e mijá ali no poste, esse terreno é dele. E ele não briga com outros cachorros por causa disso. Tem muito isso de marcar terreno. De ser dono da rua. De querer cobrar o pedágio. O homem tem muito isso. É o homem. É o machão. Aquele espaço é dele. Ninguém invade (informação verbal).⁷²

As travestis e transexuais usam e enfatizam os canais socialmente dados (para as mulheres) para a expressão de sua identidade feminina. Atré-ladas a estes canais e sentindo uma necessidade de corresponder a eles, acabam por produzir uma espécie de hiperfeminilidade que hoje em dia muitas mulheres rejeitam, por reproduzir os códigos culturais de uma sociedade patriarcal.

6) Construção de um corpo feminino

As entrevistas realizadas deixam muito claro que a construção de um corpo feminino é um aspecto central da construção da identidade das travestis/transexuais. Por um lado, na literatura

sobre o tema, interpreta-se este processo como transgressão, encenação carnavalesca, um momento lúdico de resignificação dos corpos. Mas por outro lado, parece haver uma fetichização do corpo feminino, reproduzindo o que a "cultura do narcisismo" e a objetificação das mulheres vêm fazendo há tempos. Tudo isso traz um grande custo, físico e emocional, para as travestis e as transexuais.

Este processo inicia-se na infância, evidenciando-se na idade escolar devido à disputa (desigual) que surge na família, quando a criança não quer cortar o cabelo comprido, que simboliza a feminilidade. A imposição de um cabelo curto, pelas autoridades familiares e escolares, e a reação das outras crianças mostram o quanto esta associação é forte, e não está presente apenas no imaginário transgênero. A opção pelo cabelo comprido desde cedo aparece em todos os depoimentos, independentemente do grau de conflito criado em relação a isto, e é entendida como uma externalização do "eu".

Eu achava que a única coisa que diferenciava o menino da menina era o cabelo, quando eu era pequena. Então eu queria deixar meu cabelo crescer, mas meus pais nunca deixaram. [...] [A partir dos 13 anos] eu era sempre chamado na secretaria. Daí elas falavam assim: "ah, [nome de batismo], porque você não corta o teu cabelo?". Porque era, tipo assim, só até no ombro. Mas já, porque imagina, com 13 anos você não tem um pêlo no corpo, não tem nada assim. Tua voz é mais fina. Então elas achavam que eu parecia muito menina, por isso que os piá se incomodavam. Mas aí eu falava para a dire-

tora: “ah, mas eu sou bem assim, me sinto bem assim. Não acho que vai ser o cabelo que vai me mudar, se eu raspar o cabelo eu vou ser a mesma coisa” (informação verbal).⁷³

Este depoimento revela que a tentativa das autoridades de interferir em sua imagem levou a entrevistada a diminuir a importância que o cabelo tinha para ela, de forma a valorizar o seu “eu”, e também como uma forma de negociação.

A construção do corpo de uma transexual passa também pela aspiração à cirurgia de readequação genital. O pênis é rejeitado, como uma negação de sua feminilidade.

Medo do quê? A única coisa que pode acontecer é eu morrer lá na mesa, se eu morrer depois da cirurgia, melhor ainda. Já morre sem aquilo [risos]. [...] Eu não sou travesti, sou transexual. Não gosto que toquem. Essa porcaria só serve para ir ao banheiro só, mais nada. Você não gosta, mas tá ali. Não vou fazer a loucura de cortar. Na época que algumas amigas fez eu não tive coragem de fazer. Se eu precisar do material [para a construção cirúrgica da vagina], cadê? Vivi com ele até aqui, então vou esperar e agüentar até chegar a hora (informação verbal).⁷⁴

Em nenhum momento a transformação do pênis em uma vagina foi evocada de maneira simbólica como algo atraente: o importante é que pênis não exista, e não que ele se transforme, da mesma forma que uma transexual não quer ser identificada como um homem que se transformou em uma mulher. Cortar o pênis é um gesto suicida, devido à perda rápida de sangue, e em parte por

isso as transexuais são obrigadas a conviver com uma parte do corpo que provoca tanto sofrimento (principalmente na hora de urinar, de tomar banho e de se vestir). A rejeição é tão grande, que elas evitam usar até mesmo a palavra pênis.

Também no que se refere ao pênis, os efeitos dos hormônios no corpo são relatados de modo diferente por travestis e transexuais. Isto pode ser visto neste diálogo, anotado durante uma compra de *lingerie*, presenciada pela nossa equipe:

Transexual: Olha essa calcinha, bem erótica.

Travesti: Mas essa é muito pequena, não segura a neca [pênis].

Transexual: É que a gente toma muito hormônio, a neca some.

Travesti: Até você ver outra, bem grande, daí a sua aparece maior ainda. (informação verbal).⁷⁵

Quanto à relação entre hormônios e ejaculação, pudemos ouvir suposições bastante reveladoras da ressignificação por que passam certos valores associados à masculinidade. O primeiro depoimento que se segue é de uma travesti, o segundo, de uma transexual:

Esperma sai pelo peito, elas acham que é tudo leite, mas é o contrário, sai uma ejaculação. [Joana, fala colhida informalmente]. Daí eu ejaculava, não pode ejacular tomando hormônio. Joga tudo.

S: Como é isso?

F: Não sabia? E não pode tomar bebida alcoólica também (informação verbal).⁷⁶

Na primeira fala, uma travesti, cuja identidade está relacionada à ambigüidade dos termos (socialmente inscritos) masculino e feminino, faz o esperma subir até os seios, que de órgãos “amamentadores” passam a ejaculadores. Os seios passam a canais de expressão masculina. Na segunda fala, de uma transexual, que se define apenas pelo feminino, há uma relação de exclusão, de conflito entre o feminino e o masculino, no qual um (o esperma) seria capaz de anular o outro (os hormônios). Note-se que os hormônios não anulam, por sua vez, o poder da ejaculação – porque é esta atitude que talvez esteja sendo contida.

Um exemplo de que os hormônios não definem o gênero está na história da violência cometida contra uma travesti, quando ela tinha 11 anos. Seu pai, na esperança de vê-la se transformar em “um menino”, teria injetado hormônios masculinos nela. Por isso é que hoje ela é tão peluda, e tem de passar por longas sessões de depilação em todo o corpo – embora em alguns momentos os pêlos lhe valham como fetiche, reforçando sua imagem ambígua de travesti perante os clientes caminhoneiros.

A “feminilidade” é, por uma questão profunda de identidade, mais importante que a segurança. Também aparece nos depoimentos o desejo de transformar o corpo rapidamente, ainda na juventude, o que não acontece apenas usando os hormônios, mas também pela aplicação de silicone:

Injeção, né. líquido. Mas eu perguntei pra ela, ela falou assim: “não vai dar problema nenhum, só se você não se cuidar, se você não fizer repouso. Você não pode fazer força, erguer peso nenhum”. Doeueu muito. A primeira vez ela falou assim: “ah, não dói quase nada, né”, as outras falaram, não a que colocou, “não vai doer quase nada”. Menina do céu, parece que tava rasgando, parece a mesma coisa que pegar uma faca e enfiar assim no teu peito. Daí, mas agüentei, né. Da segunda vez que eu fui, eu pedi com anestesia. E com anestesia não dói, não dói quase nada. Sente só as picada da agulha, e fica tudo roxo, bem feio. Daí, agora se eu quiser tirar, diz que tem essa drenagem, eu não sei como que é isso. Claro que eu preferia pôr uma prótese, que é mais fácil para tirar. Só que não é assim pra conseguir uns quatro, cinco mil reais. Daonde que eu vou tirar esse dinheiro. Até eu conseguir esse dinheiro, eu posso não tá uma velha, mas não vou estar mais com 20, entendeu? 23 que seja (informação verbal).⁷⁷

Como parte desse processo de construção e manutenção do corpo feminino, as travestis e transexuais se sujeitam a insatisfações e autovigilância constantes, que fazem parte da experiência da feminilidade contemporaneamente.

A gente não é perfeito. Nenhuma mulher é perfeita, as mais perfeita são misse? Assim mesmo faz plástica.[...] Ninguém é 100% feminino, nem masculino. Nós temos um lado feminino e masculino, agora com minha voz eu não fui muito feliz (informação verbal).⁷⁸

Conforme a observação de Josiane, essa experiência aproxima-as das mulhe-

res “normais”, que também precisam de artifícios muito custosos para buscar um padrão de beleza inatingível. A percepção de que não são só transgêneros que constroem um corpo de mulher possibilita uma desnaturalização do corpo, que passa a ser reconhecido como um produto social e não como um dado principalmente biológico.

Conclusões: “Nascer assim”: a construção da identidade “transgênero”

Tem muitas pessoas que acham que a homossexualidade, o travesti, a transexualidade, é uma coisa influenciada... porque viu alguém ser vai ser também. As pessoas teimam com isso. Nada a ver. Eu sei, as travestis sabem, as transexuais sabem: é uma coisa genética. Nasce assim, cresce assim, nada vai mudar que isso seja assim (informação verbal).⁷⁹

Apontamos acima algumas estratégias (tanto conscientes quanto inconscientes) que as travestis e transexuais empregam na construção da sua identidade de “transgênero”. Pensamos que elas ocupam posições tanto dentro como fora da ordem de gênero hegemônica da nossa sociedade. Fora, porque rompem com normas sobre quem pode ser considerado homem ou mulher, masculino ou feminino. Dentro porque também reproduzem ou ficam presas a dicotomias preestabelecidas.

A revisão da literatura nacional e internacional sobre pessoas e comunidades transgênero rende a possibilidade de comparações com a população do nosso estudo. Por exemplo, o trabalho de Matzner (2001), que apresenta histórias

de vida de pessoas transgênero atualmente radicadas no estado norte-americano do Havaí, fornece um retrato de como uma cultura nativa não-ocidental (a havaiana) influencia a construção de identidades sexuais pós-modernas.⁸⁰ Um dos estudos mais recentes sobre travestis no Brasil, do antropólogo sueco Don Kulick (1998), toma por objeto as travestis que trabalham na prostituição em Salvador. Mas nosso estudo se diferencia destes evidentemente por tratar de uma população distinta, que inclui transexuais e travestis que nunca trabalharam na prostituição, e por enfatizar, através do uso de histórias de vida, todo o processo de negociação da identidade e da posição social que pode oferecer – e de fato em alguns casos fornece – outras opções de vida fora do trabalho sexual.⁸¹

Haveria uma relação entre a construção sociocultural da identidade “travesti” e a cultura popular brasileira? Kulick (1998) insiste em que na identidade da travesti brasileira há uma especificidade que a diferencia de construções “transgênero” parecidas de outras culturas. Tanto ouvindo as falas de nossas informantes como observando certas representações das travestis nos meios de comunicação, surgiu a impressão do profundo pertencimento desta figura “liminar” à cultura brasileira.⁸²

No nosso trabalho, pudemos observar que nossas informantes, em grande parte oriundas de camadas populares, pertencem, portanto, a um *habitus* onde persistem certos tipos de códigos e linguagens sobre o masculino e o feminino; são estes, então, que se tornam o *instrumental* que elas têm para elaborar uma identidade “transgênero” ou femi-

nina. Talvez isso possa ajudar a explicar alguns dos aspectos mais paradoxais que foram revelados na nossa pesquisa, da certa presença maior ou mais forte de “comportamentos hiperfeminilizantes”, que têm contrapartida nas estratégias ou linguagens da masculinidade “hipermasculinizantes” das camadas populares brasileiras (OLIVEIRA, 2002).

Trabalhamos com a perspectiva da construção social. No entanto, para a maior parte das nossas informantes, seu vínculo com o gênero feminino é proveniente de uma condição natural ou biológica. “Eu nasci assim”: esta frase surge como uma estratégia discursiva importante nos depoimentos de muitas delas. Seja qual for a posição tomada em relação ao debate sobre a construção social do gênero e da sexualidade, sua fala expressa o interesse político *legítimo* delas de exigir o respeito e a aceitação da sociedade. Por isso, sua identidade é expressa

em termos de uma “descoberta”, correspondendo a expectativas culturais desta mesma sociedade. Então surge também, como possível hipótese, e mesmo à maneira de conclusão, o seguinte: as travestis respondem à coerção social, e aos constrangimentos culturais e de oportunidades, talvez da única forma que neste momento lhes seja possível – valendo-se de muitos elementos da cultura hegemônica para legitimar sua própria existência. Neste sentido, não seriam tão diferentes de todos nós: ainda “prisioneiros do (sistema de) gênero”.

*Asst
Rert
trab
otós
and
empá
stas
hae
kvn*

that in contemporary societies, the ways in which people actually live and construct their sexual/gender identities is much more complex than the “heterosexual matrix” of the dominant social order would have it. This paper, which presents preliminary considerations from our ongoing research on the life histories of travestis and male-to-female transsexuals in the southern Brazilian city of Curitiba which seeks to contribute to a greater understanding of the processes of identity construction among members of this “transgender” population. We identify the particular importance of the processes of social interaction through which our informants define themselves and are “defined” by others. We find that is from within the persistently strong arsenal of gender dichotomies of today’s culture that the travestis and transsexuals that we study take the terms they use to define themselves; they drink, paradoxically, from the same source that produces their continued stigmatization.

Keywords: *identities; transgenders; gender studies.*

Notas

¹ A equipe gostaria de agradecer a Liza Minelly e Solange Stecz do Grupo Esperança e a todas as nossas informantes que nos dedicaram seu tempo e entusiasmo. Queremos também agradecer ao amigo Pedro Paulo Martins de Oliveira, que em conversações informais nos alertou para várias questões teóricas pertinentes sobre a construção social da masculinidade.

² Rodowick aplica o conceito de “máquina binária” da Claire Parnet – que se remete à produção discursiva a partir de dualismos que caracteriza o pensamento ocidental desde o iluminismo – à produção das diferenças de gênero na cultura contemporânea, e, em particular, na crítica feminista sobre cinema.

³ Dizemos isto sem querer diminuir a importância dos aspectos históricos e institucionais dos processos sociais, cuja relação com a dimensão de interação cotidiana é uma grande questão das ciências sociais hoje.

⁴ Nossa pesquisa sobre identidade e experiências de vida de travestis e transexuais em Curitiba começou em 2002, como parte de um projeto mais amplo desta ONG, que visava levantar o perfil dessa população em função de necessidades vinculadas à prevenção de DSTs/AIDS e à promoção dos direitos humanos.

⁵ É importante assinalar que identidade de gênero e identidade sexual abrangem dimensões diferen-

tes (embora relacionadas) de prática social. Na nossa sociedade, identidades sexuais partem de orientações como homo, hetero e bissexualidade; e identidades de gênero referem-se a feminino e masculino, comportando definições pelas quais se expressa parcialmente a identidade. A maioria das nossas informantes se define em primeira pessoa, no gênero feminino. Portanto, trazemos para este texto a “categoria nativa” na qual se reconhecem. Por exemplo, uma de nossas entrevistadas deixou de se definir como “transexual” e passou a dizer apenas “mulher”, depois de sua bem-sucedida cirurgia de readequação genital. Tais definições são objeto de disputa política, quando, por exemplo, o movimento travesti não quer ser identificado como transgênero (pessoas que cruzam fronteiras tradicionais entre o masculino e o feminino): Liza Minelly afirma que esta segunda categoria, mais ampla, não corresponde à identidade travesti. Na fala de nossas informantes, o embate identitário evidencia-se quando uma transexual se define (apenas uma vez) como homem, ou quando outra transexual, profissional do sexo, também se refere à sua condição como travesti. Os dois grupos foram estudados juntamente, pois só nos últimos anos as transexuais, em Curitiba, se uniram à ONG como um grupo social, passando a reivindicar politicamente sua identidade (embora já houvesse ações individuais neste sentido). Em geral, o que elas mesmas usam para se diferenciar é a ambigüidade das travestis, que podem ser “ativas” sexualmente, e a rejeição do pênis, no caso das transexuais. No entanto, há entre as nossas entrevistadas uma hermafrodita que se uniu às transexuais por desejar fazer a mesma cirurgia que elas desejam, e outra, que se define como transexual, mas não pretende fazer a cirurgia – esta última, apesar de não ter repulsa ao pênis, não o associa a prazer sexual. A aspiração à cirurgia, portanto, deixou de ser o fator pelo qual se identificam todas as transexuais (embora seja a sua definição clínica), sendo marcadamente comum entre elas as práticas relacionadas a uma feminilidade mais convencional, menos ambígua que a das travestis. Também existe a possibilidade de um grupo se definir em oposição a outro, pelo que não é,

podendo-se aqui levantar a hipótese de que transgêneros femininos, juridicamente homens, que se definem como “não-travestis”, estejam a usar a categoria “transexual”, apesar de aceitarem o pênis em seu corpo feminino. No entanto, as reações das instituições sociais ao comportamento dos dois grupos apresenta vários pontos em comum, como veremos a seguir.

⁶ O conceito de grupos ou práticas sexuais/de gênero “minoritários” é em si problemático, pois supõe que se dão em proporção menor do que os mais “comuns”. Mas desde o famoso Kinsey Report de 1948, quando os dados sobre práticas homoeróticas entre a população norte-americana surpreendeu um país em plena época macartista, aprendemos a não equiparar o padrão apoiado em normas sociais com a “norma” como categoria estatística.

⁷ Cinco informantes nasceram em Curitiba, cinco no interior do Paraná, uma na Argentina e sete no interior de outros estados.

⁸ Muitas críticas têm sido feitas ao trabalho de Goffmann, e uma das mais importantes, em parte atendida no trabalho de gerações posteriores de interacionistas, é a falta de conexão entre a discussão que ele faz de processos de rotulação e estigmatização no nível “microsociológico” com fatores sociais, culturais e históricos maiores. No entanto, tem o grande mérito de mudança de paradigma, sendo que a Sociologia anterior a ela (a funcionalista e outros herdeiros de Durkheim) teorizava sobre “desvio” e “patologia” com a preocupação de preservar a ordem normativa da sociedade; para Goffmann e seus seguidores, o “desvio” deixa de ser visto como um estado objetivo e torna-se uma questão de definição recíproca entre grupos sociais com interesses diferentes.

⁹ Encontro Nacional de Travestis e Liberadas na Luta contra a AIDS, Curitiba, junho de 2002.

¹⁰As “abordagens”, realizadas no carro cedido pela prefeitura pela parceria com a Secretaria de Saúde nas segundas e quintas-feiras, têm por finalidade a

provisão de assistência às travestis e transexuais envolvidas na prostituição.

¹¹ Daqui em diante, passarão a ser apresentados trechos das histórias de vida narradas por nossas informantes, havendo várias expressões subculturais, derivadas do idioma nagô/iorubá, como: mona (travesti), mapô (mulher, transexual), neça (pênis), aqüendar (esconder [o pênis]). Há também expressões do vocabulário gay – *se montar* (vestir-se de mulher para sair ou apresentar uma performance) – e ainda expressões comuns no Paraná, como piá, para designar menino. Batalha refere-se à prostituição e maricona, cliente passivo da travesti profissional do sexo.

¹² Diversas autoras feministas apontam o papel normatizador desta forma de família, talvez mais instituição ideológica do que arranjo social efetivo (ver, por exemplo, BARRETT; McINTOSH, 1982; STACEY, 1996)

¹³ Classe social, grupo étnico e cultura nacional são alguns dos fatores que influenciam a cultura familiar; produzindo formas particulares de viver e pensar sobre as relações de gênero, idade etc. no interior das famílias.

¹⁴ Discussão que será aprofundada noutros itens deste trabalho.

¹⁵ Informação fornecida por Hilda (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

¹⁶ Informação fornecida por Camila (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

¹⁷ Informação fornecida por Carolina, (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

¹⁸ Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

¹⁹ Informação fornecida por Letícia (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁰ Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

²¹ Informação fornecida por Paula (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

²² Informação fornecida por Luana (hermafrodita) durante a realização da pesquisa de campo.

²³ Informação fornecida por Talita (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁴ Ver, entre outros, FESTLE, 1995, LENSKYJ, 1986 e ROSEMBERG, 1995.

²⁵ Informação fornecida por Camila (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁶ Informação fornecida por Talita (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁷ Informação fornecida por Camila (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁸ Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

²⁹ Informação fornecida por Letícia (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁰ Informação fornecida por Carolina (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

³¹ Informação fornecida por Bárbara (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³² Na literatura sociológica contemporânea, a questão do sujeito vai além do “individualismo burguês”, que na literatura marxista, por exemplo, reduzia-se à fratura da comunidade ou à sujeição ideológica, e torna-se um *sine qua non* da modernidade que embora contraditório representa também a possibilidade da ação social libertária.

³³ Informação fornecida por Carolina (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁴ Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁵ Informação fornecida por Carolina (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁶ Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁷ Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁸ Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

³⁹ Informação fornecida por Bárbara (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁰ Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴¹ Informação fornecida por Letícia (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴² Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴³ Informação fornecida por Joana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁴ Informação fornecida por Paula (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁵ Informação fornecida por Camila (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁶ Informação fornecida por Talita (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁷ Como argumenta Kulick, na sua etnografia de travestis de Salvador, as travestis que entrevistamos também não se enxergam como gays, ou seja, homens que se relacionam sexualmente com outros homens; sua identificação com o feminino, e a conseqüente vontade de serem desejadas pela sua feminilidade, faz com que ter um namorado ou parceiro "heterossexual" seja, entre outras coisas, uma questão de auto-afirmação.

⁴⁸ Informação fornecida por Josiane (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁴⁹ Demonstra também o que alguns autores da queer theory ressaltam: que não há nenhuma correspondência necessária entre identidades e práticas sexuais (ver WEEKS, 1999, PARKER, 1999).

⁵⁰ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵¹ Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵² Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵³ Informação fornecida por Bárbara (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁴ Informação fornecida por Carolina (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁵ Informação fornecida por Paula (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁶ Informação fornecida por Hilda (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁷ Informação fornecida por Camila (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁸ Informação fornecida por Talita (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁵⁹ Informação fornecida por Bárbara (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁰ Esta foi a única informante que se recusou a gravar a entrevista.

⁶¹ Estes são os documentos exigidos pelo jornal: o comprovante de endereço, número de telefone para efetuar o contato e o número do documento de identidade.

⁶² Os anúncios aqui utilizados são do dia 18 de dezembro de 2002. Os nomes e os telefones foram devidamente trocados. "——. 9412 Travesti. Refaça seu prazer, seu pensamento, seu ornamento, seu jeito de amar. Ativo ou passivo. Ariele."; "RAFAELA. Bela travesti, morena bronz., corpo escultural. At. ativos/pass./casais. Loc. cent/part. www.zzzzz.com.br/rafaela.html. ——.2955/99—. —99"; "MIRELA.

Travesti, gaúcha, loira sensual, curvas perfeitas. At. passivos/ativos, central, prédio baixo, porta de vidro, portaria eletrônica. 30—.15—/99—. —78."; "BABÍ. Travesti. Atendo homens ativo e passivo. Dominação equipada. C/ local aquecido. Tra-

tar F: (41) 2222.—.”; “ALINE. Travesti, loiraça, bonita. Adoro realizar fantasias de homens, mulheres e casais. S/ enganações. Confira! C/ local discreto. F: (41) 333.—.” Podemos verificar através destes anúncios alguns pontos significativos do universo da prostituição das travestis. Primeiro, há um inventário de nomes femininos; a proposta de serviço é providenciar prazer ao cliente, seja homem, mulher ou casal; a travesti realiza este serviço sendo ativa e/ou passiva na relação sexual; o número do telefone é residencial e também o do celular; nota-se também a sugestão de um site para que o cliente possa visualizá-la; a localização na cidade para a realização desta atividade é no apartamento da mona, na região central e o acesso ao prazer é livre de constrangimentos, sendo a discríção uma prioridade.

⁶³ Informação fornecida por Talita (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁴ Informação fornecida por Nataly (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁵ Informação fornecida por Paula (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁶ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁷ Informação fornecida por Veluma (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁸ Informação fornecida por Luana (hermafrodita) durante a realização da pesquisa de campo.

⁶⁹ Informação fornecida por Valéria (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁰ Informação fornecida por Letícia (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷¹ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷² Informação fornecida por Mariana (travesti) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷³ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁴ Informação fornecida por Carolina (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁵ Informação obtida durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁶ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁷ Informação fornecida por Fernanda (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁸ Informação fornecida por Josiane (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁷⁹ Informação fornecida por Veluma (transexual) durante a realização da pesquisa de campo.

⁸⁰ No livro de Matzner, o mahu, que é uma espécie de “terceiro gênero” na cultura nativa, goza de um status social especial e valorizado. Isto, segundo muitas das suas informantes, lhes permitiu – particularmente nas suas famílias de origem – crescer com um senso de pertencer a uma comunidade e de serem amadas, amenizando experiências de rejeição na sociedade convencional.

⁸¹ Kulick (1998), ao elaborar uma etnografia de um grupo dedicado ao trabalho sexual, enfatiza a “escolha” e a construção da identidade em torno do mesmo. No entanto, a questão da “escolha” merece bastante qualificação. Um trabalho que se restringe a travestis trabalhadoras do sexo tende, em todo caso, a reproduzir o viés de quem tem um investimento muito grande na apresentação da sua profissão como “escolha”; um enfoque de história de vida que inclui travestis que atualmente dedicam-se a outras atividades pode-nos permitir entender melhor o porquê da associação entre travesti e prostituição, os fatores que abrem ou fecham outros caminhos para além do trabalho sexual, e os “custos” e “benefícios” que representam.

⁸² Teremos de fazer um aprofundamento dos símbolos da cultura brasileira no que diz respeito às imagens dos homens que se travestem de mulher no período do Carnaval, por exemplo.

Referências

- ADELMAN, Miriam. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 14, p. 163-171, jun. 2000.
- BARRETT, Michèle; McINTOSH, Mary. *The anti-social family*. London: Verso, 1982.
- BENJAMIN, Jessica. *The bonds of love: psychoanalysis, feminism and the problem of domination*. New York: Pantheon Books, 1988.
- BORDO, Susan. *Twilight zones: cultural images from Plato to O.J.* Berkeley: University of California Press, 1999.
- BORNSTEIN, Kate. *Gender outlaw: on men, women and the rest of us*. New York: Vintage Books, 1995.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 1993.
- _____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- CHODOROW, Nancy. *The power of feelings: personal meaning in psychoanalysis, gender, and culture*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- FESTLE, Mary Jo. *Playing nice: politics and apologies in women's sports*. New York: Columbia University Press, 1996.
- GELDER, Ken; THORNTON, Susan (Org.). *The subcultures reader*. London: Routledge, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- _____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- KULICK, Don. *Travesti: sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- LASCH, Christopher. *Haven in a heartless world: the family besieged*. New York: Basic Books, 1977.
- _____. *The culture of narcissism*. New York: Norton, 1979.
- LENSKYJ, Helen. *Out of bounds: women, sport and sexuality*. Toronto: Women's Press, 1996.
- MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG: IUPERJG, 2000.
- MATZNER, Andrew. *'O au no keia: voices from Hawaii's Mahu and transgender communities*. [S.l.]: Xlibris Corporation, 2001.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. *A construção social da masculinidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- RODOWICK, David N. The difficulty of difference. In: KAPLAN, E. Ann. *Feminism and film*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GÊNERO

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.

SEGAL, Lynne. *Why feminism?: gender, psychology, politics*. New York: Columbia University Press, 1999.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

STACEY, Judith. *In the name of the family: rethinking family values in the post-modern age*. Boston: Beacon Press, 1996.

THORNE, Barrie. *Gender play: girls and boys in school*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WEEKS, Jefferey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.